

A atuação interdisciplinar entre educação e saúde no ambiente escolar de creches

The interdisciplinary action between education and health in the school environment of day care centers

Maria de Fátima Freitas Nascimento^{1*}, Flávia Emília Cavalcante Valença Fernandes¹,
Cristhiane Maria Bazílio de Omena Messias², Marianne Louise Marinho Mendes³

RESUMO

O presente artigo trata da discussão referente a atuação interdisciplinar entre educação e saúde no ambiente escolar de creches uma vez que saúde diz respeito não somente ao cunho do tratamento curativo de doenças, mas a toda uma condição de vida. É uma pesquisa bibliográfica, com cunho reflexivo e abordagem qualitativa. Foi realizada busca eletrônica em bases de dados científicos que dispunham de materiais (periódicos, dissertações e teses) sobre o tema em questão e em repositórios de Instituições de Ensino Superior, entre abril e junho de 2022. Tem como objetivo compreender a atuação interdisciplinar entre educação e saúde nos contextos escolares de creches. As contribuições teóricas delineiam a problemática apresentada, oferecendo subsídios para uma melhor compreensão do assunto. Concluída a pesquisa, observa-se que há lacunas entre a integração das áreas abordadas, demonstrando que a prática interdisciplinar pode ser uma importante aliada na formação do homem uno e pleno, a fim de romper com a atuação isolada e propiciar benefícios para toda a sociedade.

Palavras-chave: Intersetorialidade 1; Práxis 2; Estratégias Pedagógicas 3

ABSTRACT

This article deals with the discussion regarding the interdisciplinary action between education and health in the school environment of day care centers, since health concerns not only the nature of curative treatment of diseases, but an entire condition of life. It is a bibliographical research, with a reflective nature and a qualitative approach. An electronic search was carried out in scientific databases that had materials (journals, dissertations and theses) on the subject in question and in repositories of Higher Education Institutions, between April and June 2022. It aims to understand the interdisciplinary action between education and health in school contexts of day care centers. Theoretical contributions outline the presented problem, offering subsidies for a better understanding of the subject. After completing the research, it is observed that there are gaps between the integration of the areas addressed, demonstrating that interdisciplinary practice can be an important ally in the formation of the one and full man, in order to break with the isolated action and provide benefits for the whole society.

Keywords: Intersectoriality 1; Praxis 2; Pedagogical Strategies 3

¹ Instituição de afiliação 1. Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina
*E-mail: mariadefatima.freitas@upe.br

INTRODUÇÃO

A educação e a saúde são áreas de produção e aplicação de saberes destinado ao desenvolvimento humano (PEREIRA, 2003). Há, portanto, consenso sobre o importante papel das ações de promoção de saúde e educação em saúde desenvolvidas nas escolas, com o intuito de garantir a formação integral dos alunos (GAVIDIA, 2003). Tomando isso como parâmetro e sabedores de que a escola é atualmente um mecanismo de alcance à muitas famílias, é indispensável que ela atue de forma interdisciplinar, buscando alinhar-se à outras áreas de conhecimento, e levando os professores a reorganizarem sua práxis (FONTOURA; STIZ, 2004).

As discussões sobre interdisciplinaridade não são novas, tendo em vista que esses debates surgiram na Europa, na década de 60 do século passado. Aqui no Brasil, a interdisciplinaridade foi implementada por Japiassu ganhando dois enfoques principais: o epistemológico representado pelo próprio Japiassu (1994) e o pedagógico expressado por Fazenda (2001). Apesar de já se ter um longo caminho percorrido na busca pela implementação de uma atuação interdisciplinar na escola e em outros segmentos, ainda não se pode dizer que ela é valorizada e aplicada de forma plena nos contextos escolares (FONSECA *et al.*, 2015).

A sociedade atual necessita de cidadãos críticos, reflexivos e participativos, capazes de intervirem na sua realidade com justiça e equidade social. Diante de tamanho desafio, é imprescindível pensar numa atuação interdisciplinar e nessa perspectiva, a educação é fundamental e a escola é um locus privilegiado, pois nela se encontra diversos atores sociais. Em seu interior, é preciso romper paradigmas e desconstruir “preconceitos”, reconstruir novos conhecimentos, novos saberes e novas vivências. Faz-se necessário repensar a maneira como a maior parte delas estão estruturadas, com currículos pré-estabelecidos, dispostos em disciplinas isoladas (FONSECA *et al.*, 2015).

Precisam-se de escolas que busquem alinhar-se às outras áreas de conhecimento visando o bem-estar bio-psico-social dos indivíduos que estão inseridos em seus espaços. Diante dessa realidade, abre-se possibilidades para que haja uma atuação interdisciplinar entre educação e saúde nos contextos escolares já que ambas as áreas podem e devem trabalhar de maneira integradas, visto que, saúde diz respeito não somente ao cunho do tratamento curativo de doenças, mas a toda uma condição de vida. Já afirmava Costa, 2012: “sem saúde não há educação, assim como sem educação não há saúde”.

O processo de educação em saúde lida com a história de vida, com conjuntos de crenças e valores e com a própria subjetividade da pessoa (GAZZINELLI, 2005). Nesse contexto, constata-se que a saúde e a educação estão profundamente relacionadas e, portanto, a temática em discussão torna-se bastante relevante. A escola deve se tornar um ambiente que seja promotor da saúde, que trabalhe de maneira integrada, compreendendo a política da promoção de saúde, ou seja, que ela se constitui como base das políticas públicas em todo o mundo, e com uma variedade de ações vem contribuindo e possibilitando responder às necessidades sociais em saúde (BRASIL,2009). Dito isto, esse artigo tem como objetivo compreender a atuação interdisciplinar entre educação e saúde nos contextos escolares de creches.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de cunho reflexivo e abordagem qualitativa. baseada nas contribuições de Gil (2002, p.44), onde ele diz que a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” e com Boccato (2006), destacando que a pesquisa bibliográfica busca o levantamento e análise crítica dos documentos publicados sobre o tema a ser pesquisado com intuito de atualizar, desenvolver o conhecimento e contribuir com a realização da pesquisa.

Para tal, foi realizada busca eletrônica em bases de dados científicos que dispunham de materiais (periódicos, dissertações e teses) sobre o tema em questão, tais como SciELO, e em repositórios de Instituições de Ensino Superior, entre abril e junho de 2022, utilizando as palavras-chaves “intersetorialidade – práxis – estratégias pedagógicas”, como instrumento de busca. Buscou-se também artigos na literatura cinzenta como o Google Acadêmico no período entre 2021 e 2022 e usando “intersetorialidade – práxis – estratégias pedagógicas”, encontrou-se um total de aproximadamente 1.360 publicações, no mesmo período citado anteriormente. Realizou-se uma seleção de 10 publicações para uma leitura mais minuciosa da temática em discussão.

Quadro 01 - Descrição dos artigos selecionados para a pesquisa.

Autor	Título	Objetivo
Fabio Fortunato Brasil de Carvalho	A saúde vai à escola: a promoção da saúde em práticas pedagógicas	Analisar a entrada da saúde no espaço escolar através de ações do Programa Saúde na Escola (PSE), classificá-las como práticas pedagógicas e verificar se elas se alinham com a perspectiva da promoção da saúde.
Mirian Benites Falkenberg <i>et al</i>	Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva	Analisar os conceitos-chave relativos à Educação em Saúde e Educação na Saúde e suas interfaces no campo da Saúde Coletiva
Adriana Silva Barbosa <i>et al</i>	Reflexões sobre a saúde e a educação a partir de suas relações com o estado e a sociedade no Brasil	Realizar uma reflexão sobre a saúde e a educação a partir de suas relações com o Estado e a sociedade no Brasil através do resgate de alguns acontecimentos importantes para a história da saúde, da educação e para a formação do Estado e da sociedade deste país
Guilherme Emanuel Weiss Pinheiro; Marcelo Schenk de Azambuja; Andrea Wander Bonamigo	Facilidades e dificuldades vivenciadas na educação permanente em saúde na estratégia saúde da família	Analisar facilidades e dificuldades na realização da Educação Permanente em Saúde, na Estratégia Saúde da Família
Carlos dos Santos Silva	Promoção da saúde e ações intersetoriais: foco no Programa Saúde na Escola	Contribuir para a qualificação de profissionais, pesquisadores e gestores de saúde e de educação, estimulando os conhecimentos científicos e a avaliação crítica das práticas de desenvolvimento de um programa de saúde na escola
Ministério da Saúde	Caderno de Educação Popular e Saúde	Contribuir para fortalecer a vontade política de estar continuamente construindo o SUS com a participação ativa da população e de profissionais comprometidos com a saúde e com a qualidade de vida da população brasileira.
Érica Aparecida Garrutti; Simone Regina dos Santos	A interdisciplinaridade como forma de superar a fragmentação do conhecimento	Apresentar e refletir sobre as metas da educação escolar e analisar a interdisciplinaridade como um possível

		caminho para superar a fragmentação do conhecimento existente
Maria Flávia Gazzinelli	Educação em saúde: conhecimentos, representações sociais e experiências da doença	Destacar a necessidade de se buscar uma articulação entre as representações sociais e a experiência da doença nas práticas educativas em saúde
Lucia Maria Batista Fonseca <i>et al</i>	A interdisciplinaridade e o trabalho docente: uma perspectiva dialógica nos anos iniciais do ensino fundamental	Identificar em contexto escolar se há relação interdisciplinar nas áreas do conhecimento no ensino do 5º ano do Ensino Fundamental
Maria Benegelania Pinto Kênia Lara Silva	Promoção da saúde na escola: discursos, representações e abordagens	Analisar os discursos, representações e abordagens sobre saúde e promoção da saúde na escola, materializados na fala de professores

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação, desde tempos remotos e até a atualidade, é uma das áreas de estudo considerada como meio de busca pelo desenvolvimento dos sujeitos e vista como o caminho que leva ao processo da construção de conhecimentos (MARTINS; MOURA; BERNARDO, 2018). Para Miguel *et al* (2016), a forma como o processo educacional é conduzida torna peça fundamental na superação e preparação do educando, formando-o para ser um cidadão crítico.

Embora a inovação permeie o contexto interdisciplinar, não se refere, necessariamente ao ineditismo, pois, a temática da interdisciplinaridade já é discutida ao longo de quase seis décadas. As discussões sobre essa visão se relacionam a ideia da busca de caminhos favoráveis à construção do conhecimento humano com vista a formação do sujeito em sua globalidade (JAPIASSU, 1994 e FAZENDA, 2001).

Nesse processo de inovação, o professor tem papel primordial, cabendo ao mesmo atender às exigências de um contexto globalizado e de suas grandes transformações. Para tanto, é visto como essencial o investimento na sua formação inicial, bem como e principalmente, na formação continuada. O que caracteriza a atitude interdisciplinar “é a ousadia da busca, da pesquisa: é a transformação da insegurança num exercício do pensar, num construir” (FAZENDA, 2001, p. 18).

Atualmente há uma grande preocupação em se trabalhar de forma conjunta e integrada em vários setores profissionais. Essa dinâmica compreendida como

interdisciplinaridade, vem superando assim uma visão restrita e arcaica de individualismo profissional (SILVA, 2019). Quando nos referimos a uma abordagem interdisciplinar, Ribeiro (2003) destaca: “consideramos a prática de uma ou mais atividades em que ocorre troca, reciprocidade e integração entre áreas diferentes de conhecimento, com o objetivo de produzir novos conhecimentos e buscar a resolução de problemas de forma global e abrangente.”

No contexto do real aproveitamento dessa interdisciplinaridade fazendo um elo com a área da saúde, surge a proposta da Educação Popular que propõe valorizar a diversidade e a heterogeneidade dos grupos sociais, o compromisso com o coletivo, as iniciativas dos educandos e professores, e o diálogo entre o saber popular e o saber científico (BRASIL,2007). Brasil,2007 destaca que trazer a educação popular para um plano institucional significa muito para a construção do SUS que queremos em termos de universalidade, integralidade, equidade e participação social. Em outras palavras, queremos que estes princípios orientadores ganhem sentido no cotidiano da vida de milhões e milhões de brasileiras e brasileiros.

Colocar a educação popular como uma estratégia política e metodológica na ação do Ministério da Saúde permite que se trabalhe na perspectiva da integralidade de saberes e de práticas, pois proporciona o encontro com outros espaços, com outros agentes e com tecnologias que se colocam a favor da vida, da dignidade e do respeito ao outro (BRASIL,2007). Portanto, trabalhar com a educação popular em saúde qualifica a relação entre os cidadãos, definidos constitucionalmente como sujeitos do direito à saúde, pois pauta-se na subjetividade inerente aos seres humanos (BRASIL,2007).

Além da proposta de Educação Popular, é também enfatizado atividades que contemplem a educação em saúde, de forma a incentivar a atuação dos profissionais de saúde numa perspectiva que considere o pensar e fazer cotidiano da população, e da comunidade educativa (BRASIL,2009). Isso pode e deve ser bem aproveitado na atividade escolar, local onde o indivíduo tem uma ligação com o outro, com o viver em comunidade, com o social, através das mais variadas experiências e fatores construtores do seu espaço e mundo interior e exterior (BRASIL, 2009). Daí, é possível acreditar que saúde e escola podem e devem caminhar juntas e num mesmo horizonte, pois visa o bem-estar bio-psico-social do indivíduo (UNESCO, 2005).

Na cartilha - A educação que produz saúde - produzida pelo Ministério da Saúde em 2005, o então Ministro da Saúde, Humberto Costa (2005, p. 5), destaca:

... os profissionais de educação são convidados a pensar a saúde na escola, das mais diferentes formas e significados, a partir do processo de construção coletiva dos Projetos Políticos Pedagógicos. Dessa forma, descobrir como o conhecimento e a cultura popular representam a saúde, a doença e os modos de cuidar é um processo que ganha sentido no dia-a-dia de cada pessoa e nas experiências coletivas da cidadania (BRASIL,2005, p.5).

Essa mesma cartilha enfatiza sobre o comprometimento que a escola deve ter com a realidade das pessoas. Nesse comprometimento, ao inserir a temática da saúde em seu projeto político pedagógico – PPP, a escola deve passar a realizar ações educativas na área da saúde que propiciem uma reflexão e a partir da análise da sua realidade é que as pessoas vão percebendo que é impossível dissociar saúde das condições de moradia, de trabalho, a alimentação, à educação, aos serviços de saúde, ao lazer, à forma de como nos envolvemos e relacionamos umas com as outras, à forma como protegemos a natureza e o meio ambiente, à maneira como nos organizamos, à decisão política, enfim, à todas as condições de vida da humanidade (BRASIL,2005).

Fortalecer a escola em busca de transforma-la em um ambiente onde ocorra a produção de saúde é fundamental. Para tanto, precisa-se de pessoas que tenham experiência em diversas áreas de conhecimento, a exemplo de profissionais de saúde, de raizeiras, de parteiras... Todos esses agentes possuem uma importante funcionalidade e missão (BRASIL,2005). Seu papel e contribuição é essencial no que diz respeito a atuarem de forma a tratar questões relativas à saúde da população. Há lugar para todos nesse processo educativo e nesse contexto essa diversidade de profissionais pode auxiliar na sensibilização das populações, bem como na reflexão sobre a nossa realidade (BRASIL,2005, p. 12-13).

Essas ações precisam estar presentes em todas as modalidades de ensino, mas em se tratando especificamente dos espaços de creches, é preciso compreender o processo histórico que norteia a criação desses locais e, conseqüentemente, perceber-se-á toda a complexidade que abrange a sua funcionalidade atual (BACH; PERANZONI, 2014). O que antes era apenas um espaço voltado ao assistencialismo, agora, por meio da inserção da Educação Infantil (creche e pré-escolas) na Educação Básica, permitiu-se que houvesse a partir daí, grandes mudanças na visão em relação a esses espaços, como também, nas políticas públicas a elas direcionadas. Os espaços das creches, após a Constituição de 1998, passou a ter nova funcionalidade. Todavia, conforme Bach e

Peranzoni (2014), há evidências que comprovam que para que as políticas públicas sejam de fato implementadas, foi e ainda é uma longa história de lutas.

Sendo a creche uma instituição criada para oferecer condições que propiciem um crescimento e desenvolvimento integral e harmonioso à criança, deve ser considerado o que afirma Rodrigues (2003): “o modelo de assistência prestado nas creches vem sendo pensado e reformulado, no sentido de reconhece-la como espaço de formação humana, intelectual e sociopolítica da criança.”

Corroborando com Rodrigues (2003), Campos & Rosemberg (1995), propuseram alguns princípios de qualidade para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais da criança, com critérios relativos à organização e ao funcionamento interno, que possibilitem à criança ter direito à brincadeira, à atenção individualizada, a um ambiente aconchegante, seguro e estimulante, ao contato com a natureza, às boas e adequadas condições de higiene e saúde, a uma alimentação sadia, à possibilidade de se expressarem das mais variadas formas, e à definição de diretrizes e normas políticas, programas e sistemas de financiamento de creches, comprometidos com o bem-estar e desenvolvimento da criança.

Em harmonia com Campos e Rosemberg (1995), Brasil (1998), complementa:

A instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças que a frequentam, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação (BRASIL, 1998, p. 23).

Alguns documentos que regulamentam esse ensino devem ser destacados, a exemplo dos marcos legais, tais como: a Constituição Federal ou Lei Magna (1988) – Art.208 IV e Art. 211; a Lei 9.394 – LDB da Educação, de 1996, que com ênfase nos artigos 29 e 30, que tratam do oferecimento da Educação Infantil e do ensino em creches; o ECA, de 1990, que traz uma abordagem da garantia dos direitos protetivos e socioeducacionais das crianças e adolescentes. Também podemos destacar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, 2010, a Base Nacional Comum Curricular, BNCC de 2017 – Estabelecendo o currículo comum, os campos de experiências e os direitos de aprendizagem para a Educação Infantil.

Outros documentos que tratam de como deve ser o ensino em creches devem ser consultados, a exemplo dos Documentos Orientadores do MEC - Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças (1995); do

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), e da Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos (2005). Todos esses documentos são essenciais para que seguindo as suas diretrizes, os espaços de ensino possam assegurar um ambiente com a qualidade que os seus usuários tem direito (BRASIL,2006).

Na área da saúde alguns marcos se destacam, tais quais: as diretrizes da OMS, as contribuições da Organização Pan-americana (OPAS), onde saúde estrutura-se em uma visão integral e multidisciplinar do ser humano, com consideração ao contexto familiar, comunitário, social e ambiental onde ele está inserido (MOURA,2013).

Enfaticamente, Moura (2013) ainda destaca as orientações do Ministério da Saúde, por meio da Secretaria de Política de Saúde e do projeto Promoção da Saúde, percebendo que com isso instigou-se ainda mais a articulação entre educação e saúde. O tema saúde portanto, passou a ser um eixo das políticas de saúde no âmbito nacional e nas creches, esse eixo torna-se ainda mais evidente, já que trabalha o desenvolvimento da criança na díade de cuidar e educar. (BNCC,2018).

Cuidar e educar reflete muito bem a base para saúde e educação. Ambas precisam andar interligadas, complementando-se. Para que isso efetivamente aconteça nos espaços de creches é preciso se levar em conta o investimento em melhorias da estrutura física das escolas, pois sua rotina de ensino vai além do que acontece na sala de aula e corroborando com Moura (2012), para se ter saúde e aprendizagem, precisa-se de qualidade na alimentação, nos serviços de higiene, limpeza, jardinagem, ambiente confortáveis, lúdicos, espaços que estimulem relações interpessoais.

Barbosa e Souza (2014) enfatizam:

A educação em saúde é um multifacetado, de relevância para a educação, para a saúde, para o bem-estar da sociedade e para o Estado; pois, se bem realizada, pode gerar redução dos gastos públicos. Tal fato torna-se possível, porque convergem para a educação em saúde diversas concepções das áreas da educação e da saúde, as quais espelham diferentes compreensões do mundo, demarcadas por distintas posições político-filosóficas sobre o homem e a sociedade, como uma forma mais autônoma de participação da população no cuidado e preservação da saúde (BARBOSA; SOUZA, 2014, p. 5).

Vivenciamos um momento no qual o espaço escolar não pode mais restringir-se ao trabalho isolado da sala de aula. A fusão escola- sociedade- saúde deve permanecer em sintonia ao longo do processo de ensino e aprendizagem, no intuito de assegurar uma formação integral do aluno. Para tanto, é necessário o acompanhamento da família, dando

apoio às ações pedagógicas propostas pela escola, e suporte ao professor. Pais, mestres e gestores unidos em prol de uma educação significativa e transformadora. E o aluno, ao perceber o empenho dessas partes, se posicionará na direção do aprendizado (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2020).

Também é essencial o reconhecimento de que a área de educação estando bem alinhada com a área da saúde, juntas, podem mudar o curso de vida de milhares de crianças, e com uma articulação mutua e harmoniosa, criam estratégias adequadas para ambas (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2020). Portanto é fundamental, que todos os segmentos sociais compreendam a relevância e a necessária integração dessas áreas, ampliando a sua visão em relação ao significado do cuidar e educar nos espaços de creches. Assim, poderá ser possível romper com o assistencialismo e de fato promover uma educação e uma saúde de qualidade nesses ambientes, assegurando assim o que já lhes é de direito (GONÇALVES, 2008).

Conforme Morin (2011):

O ser humano é, a um só tempo, físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os humanos. Desse modo, a condição humana deveria ser o objeto essencial de todo o Ensino (MORIN, 2011, p. 50).

Essa precisa ser a preocupação principal a ser desenvolvida nos espaços de creches: um acompanhamento integral dos sujeitos que lá estão inseridos de maneira que seja assimilado o que Morin (2011) tanto enfatizava e lhes seja propiciado um ensino mais humanizado.

Retomar ou implementar uma atuação interdisciplinar nos contextos escolares e nos espaços de educação infantil, especialmente com turmas de creches, é “devolver a sociedade uma possível forma de superar ou minimizar os problemas relativos ao processo ensino- aprendizagem, contando com as contribuições teóricas delineando a problemática apresentada, oferecendo subsídios para uma melhor compreensão dos assuntos e auxiliando, portanto, na formação do homem uno e pleno” (GARRUTTI; SANTOS, 2004).

A prática interdisciplinar, necessária à superação da visão restrita de mundo, à promoção de uma compreensão adequada da realidade e à produção de conhecimento

centrada no homem deve romper os “muros” que, frequentemente, se estabelecem entre as disciplinas (GARRUTTI; SANTOS, 2004). Nesse processo, os conteúdos das disciplinas devem ser trabalhados de tal forma que sirvam de aporte às outras, formando uma teia de conhecimentos.

Diante disso, é importante frisar que a prática da interdisciplinaridade não visa a eliminação das disciplinas, já que conhecimento é um fenômeno com várias dimensões inacabadas, necessitando ser compreendido de forma ampla, mas busca-se a percepção de que é imprescindível que se criem práticas de ensino, visando o estabelecimento da dinamicidade das relações entre as diversas disciplinas e que se aliem aos problemas da sociedade. Isso ocorrerá por intermédio da construção lenta e gradual (GARRUTTI; SANTOS,2004).

Segundo Garrutti e Santos (2004), a prática da interdisciplinaridade estabelece o papel de processo contínuo e interminável na formação do conhecimento, permitindo o diálogo entre conhecimentos dispersos, entendendo-os de uma forma mais abrangente. O enfoque interdisciplinar constitui a necessidade de superar a visão mecânica e linear e reconstituir a unidade do objeto, que a fragmentação dos métodos separou. Esta unidade é conquistada pela práxis, através de uma reflexão crítica sobre a experiência inicial (FAZENDA,1995).

Velloso et.al (2016) afirma:

A interdisciplinaridade propicia a aproximação entre o saber do senso comum e o saber técnico-científico, gerando melhor compreensão crítica dos conhecimentos teóricos aprendidos na escola com as vivências do cotidiano. Dessa forma, um projeto interdisciplinar pode contribuir na formação ética e estética do aluno, caso o educador mantenha a organização do seu pensamento de forma coerente. Assim, reunindo saúde e educação em um único ambiente, com um trabalho intersetorial e interdisciplinar, a escola torna-se um espaço estratégico para germinar possíveis mudanças tanto no ambiente escolar quanto na melhoria da qualidade de vida de alunos e professores (VELLOSO et al., 2016, p. 12).

A escola possui a função de integrar o educando à sociedade, auxiliando-o na construção da identidade pessoal, em detrimento de ser mecanismo de alienação. O relacionamento flexível com a comunidade favorece a compreensão de fatores sociais e culturais que se expressam na escola. Nesse sentido, a escola deve abordar, fundamentalmente, questões que interferem na vida dos alunos e com as quais se confrontam cotidianamente. As problemáticas sociais como: ética, saúde, meio ambiente,

pluralidade cultural e sexualidade, são conteúdos essenciais nas diversas disciplinas, independentes da área da disciplina (GARRUTTI; SANTOS, 2004).

Paulo Freire (1996) é dever da escola não só respeitar os saberes do educando, mas, fazer com que direcionem o processo de ensino-aprendizagem e destaca-se que na definição do tema, o educador deve buscar trabalhar com a própria realidade dos educandos, desenvolvendo um projeto que englobe a participação dos alunos de forma ativa. O ensino por projeto não é rígido, mas flexível, adaptando-se as necessidades dos envolvidos e nessa perspectiva, a escola deve objetivar a formação de cidadãos plenos e com visão crítica da sociedade, adquirida por meio do conhecimento global (GALINDO; GOLDENBERG, 2008).

Em decorrência desse objetivo, os diversos papéis exercidos por muitas ou poucas pessoas devem interagir, visando à criação de condições para o pleno desenvolvimento humano e assim sendo, “a aplicação de medidas integradoras deve ser a preocupação de todos os integrantes do sistema, a fim de que o paralelismo e os conflitos gerados pela divisão de trabalho ocorram ao nível mínimo possível” (LÜCK, 1983, p.12).

A interdisciplinaridade, portanto, se caracteriza pela intensidade das trocas entre especialistas e pela integração das disciplinas num projeto comum, em que se estabelece uma relação de reciprocidade, que irá possibilitar o diálogo entre os participantes (GALINDO; GOLDENBERG, 2008). Garrutti e Santos, 2004 argumentam que a interdisciplinaridade emerge da coletividade na qual prevalece a interação entre os envolvidos no processo educativo, tais como orientadores, professores, supervisores, diretores e funcionários, sociedade. Salienta-se que, para tal conquista nas escolas, é necessário que haja o comprometimento de todos os envolvidos no processo educacional.

Toda proposta de mudança gera resistências, o que não é diferente em relação à interdisciplinaridade, principalmente se não levar em consideração a cultura dos grupos onde for implantada, sendo imposta, desconsiderando o modo de ser e de fazer desse grupo, modo este que pode se constituir em base para sua transformação (PREZIBÉLLA,2008). Fazenda (1995) ressalta a necessidade de que a interdisciplinaridade não se configure num fim, pois ela não é algo que se ensina tão pouco que se aprende, mas que se vivencia e se exercita, que é dialético e por isso, exige uma nova pedagogia. O desenvolvimento de uma prática docente interdisciplinar requer, antes de tudo, uma mudança de atitude, trabalho e compromisso, destaca Fazenda (1995), Lück (ibid., p. 88).

O caminho a ser seguido na busca pela implantação/implementação de uma forma de atuação interdisciplinar, surge de um trabalho constante entre os educadores, com a sociedade e com os educandos (VELLOSO et al.,2016). O “método” surge do diálogo, da reciprocidade, do questionamento, da pesquisa. Enfim, surge naturalmente, não existindo receita para sua aplicação, apenas tendo como princípio o reconhecimento de que ela é uma imagem incompleta, ou seja, sempre haverá possibilidades e mudança, reflexão e transformação. Assim, reunindo saúde e educação em um único ambiente, com um trabalho intersetorial e interdisciplinar, a escola torna-se um espaço estratégico para germinar possíveis mudanças tanto no ambiente escolar quanto na melhoria da qualidade de vida de alunos e professores (VELLOSO et al., 2016).

Outra questão que deve ser levada em consideração quando se trata sobre a integração e a atuação interdisciplinar entre saúde e educação, é a intersetorialidade pois, para que a promoção da saúde seja materializada é necessária a articulação de diversos setores, bem como sujeitos para a realização de ações intersetoriais com vistas a alcançar os fins que a política de promoção da saúde propõe (CAVALCANTI; LUCENA,2016). Desse modo o organismo que se configura como promotora de saúde deve desenvolver uma atuação que contemple as seguintes áreas: ambiente saudável, oferta de serviços de saúde e educação em saúde (SILVEIRA; PEREIRA,2007).

Refletindo sobre a necessidade de articulação entre as políticas de educação e saúde perceber-se-á, inevitavelmente, o debate sobre a estratégia da intersetorialidade, por se constituir no dispositivo mais adequado para indução dessa articulação. Observar-se-á que as mesmas estão sendo cada vez mais necessárias, haja visto o aumento da violência, das desigualdades sociais, do uso de drogas no cenário escolar, dentre várias outras peculiaridades que estão bem presentes nas duas áreas de atuação (CAVALCANTI; LUCENA, 2016).

Todavia, a literatura nos aponta que há bastantes dificuldades no que diz respeito ao desenvolvimento de ações intersetoriais, sendo, portanto, um desafio a ser conquistado, requerendo para tal uma atitude de perseverança. Também nos é apontado que é uma prática possível, principalmente quando amparada e estimulada por uma boa gestão local (CAVALCANTI; LUCENA, 2016). O conceito e a prática da intersetorialidade precisam ser inseridos na rotina de gestores e profissionais de saúde para que ações de promoção de saúde não se tornem a repetição de modelos conhecidos

e reconhecidamente pouco impactantes na melhoria de condições de saúde da população (TEIXEIRA,2007).

DISCUSSÃO E RESULTADOS

As concepções reveladas nas discussões inferidas sobre a temática ora abordada apontam que os estudos sobre interdisciplinaridade não são novos, tendo em vista que esses debates surgiram na Europa, na década de 60 do século passado. Aqui no Brasil, a interdisciplinaridade foi implementada por Japiassu ganhando dois enfoques principais: o epistemológico representado pelo próprio Japiassu e o pedagógico expresso por Fazenda. Apesar de já se ter um longo caminho percorrido na busca pela implementação de uma atuação interdisciplinar na escola e em outros segmentos, ainda não se pode dizer que ela é valorizada e aplicada nos contextos escolares. Por vezes os profissionais trabalham isolados e não leva em consideração toda a complexidade da natureza humana (Japiassu, 1994; Fazenda, 2001).

Nessa perspectiva de um ensino fragmentado, que não leva em consideração toda a complexidade humana, os alunos que vivenciam um processo de ensino-aprendizagem de pouca qualidade. Apresentam falta de motivação em relação a seu aprendizado e as dificuldades cotidianas, somadas ao estigma que se forma sobre estes, transformam o processo educativo numa tarefa pesada e lenta (FONTOURA; STIZ, 2004). A escola é um cenário de possibilidades de atuação criativa e assertiva de seus membros, marcado pela imprevisibilidade, palco de conflitos, e de relações de poder. É preciso agir com uma postura mais crítica, reflexiva e criativa, frente às diferenças, desafios e possibilidades da efetuação de um trabalho interdisciplinar para a promoção de saúde (FONTOURA; STIZ, 2004).

Existe um consenso sobre o importante papel das ações de promoção da saúde e de educação em saúde desenvolvidas dentro das escolas, com o intuito de garantir uma formação integral dos alunos, portanto, comportamentos espontâneos não asseguram a saúde das pessoas, por isso existe a necessidade da instrução formal obrigatória que incorpore a saúde entre seus objetivos (FIGUEIREDO; OLIVEIRA., 2020). Há uma grande importância de a escola trabalhar junto aos seus alunos a promoção da saúde, na concepção de que ser saudável é ter a possibilidade de avaliar a realidade, reconhecendo e dando visibilidade às suas potencialidades, partindo do que já se possui para construir um cenário melhor (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2020).

Ser saudável não significa estar acima dos problemas cotidianos, mas conseguir problematizar uma situação percebendo como o entorno atua concepção de que sobre ela, pois “nada está solto, descontextualizado, por isso o espaço escolar, entendido como saudável, é considerado dentro de um contexto maior: a comunidade na qual está inserido e a sociedade que o estrutura” (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2020). Os estudos também remetem a uma reflexão da necessidade de mergulhar na fusão escola- sociedade- saúde, nos instigando ao dever de fazer com que essa tríade permaneça em sintonia ao longo do processo de ensino e aprendizagem, no intuito de assegurar uma formação integral do aluno. Pais, mestres e gestores unidos em prol de uma educação significativa e transformadora. E o aluno, ao perceber o empenho dessas partes, se posicionará na direção do aprendizado (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2020).

Levando em consideração a linha de pensamento do Ministério da Saúde (2005), convida-se os profissionais de educação a pensar sobre a saúde na escola nas mais diferentes formas e significados, tomando como ponto de partida o processo de construção coletiva dos Projetos Políticos Pedagógicos. Desse modo tornar-se-á possível descobrir como o conhecimento e a cultura popular representam a saúde, bem como perceber-se-á que a doença e os modos de cuidar é um processo que precisa ganhar sentido no dia-a-dia de cada pessoa e nas experiências coletivas da cidadania (BRASIL,2005).

Por fim, as discussões trazem um viés histórico sobre a interdisciplinaridade e chama a tenção para a sua aplicabilidade em nossas práxis. Conforme Vilela e Mendes,2003, a interdisciplinaridade tem sido considerada por diversos autores como alternativa para se alcançar o desenvolvimento de um pensamento que responda pela complexidade que caracteriza o mundo atual, com seus desafios.

Corroborando com Vilela e Mendes (2003), Japiassu (1994), defende a ideia de que interdisciplinaridade potencializa a compreensão acerca de como os conhecimentos se constituem numa roupagem macro-científica. No caráter pedagógico, Fazenda (2001) destaca a relevância da (re)formulação curricular, no entendimento de se romper com o que acontece de forma fragmentada, engessada e hierárquicas presentes nos moldes tradicionais de ensino. E nesse sentido, promover a inovação do campo educacional por meio de uma educação mais significativa que se reverbera diretamente em todas as modalidades de ensino, da creche à Universidade (FAZENDA,2001).

A responsabilidade sobre essa nova forma de olhar e cuidar não deve ser atribuída exclusivamente a alguns atores, mas em políticas voltadas a facilitar a articulação dos setores governamentais e não governamentais, controle e responsabilização social, estimulando a educação continuada de profissionais de saúde no protagonismo dessas ações e sua articulação com os profissionais da educação. Assim sendo, as atitudes práticas demonstrarão que é possível, quando há conhecimento e boa vontade, mudar e melhorar as realidades locais (TEIXEIRA,2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão bibliográfica nos indica que há lacunas entre a integração das áreas de saúde e educação visto que, na sua grande maioria não há um trabalho de conscientização e ou divulgação por parte das áreas aqui explicitadas. Cada uma trabalha de forma isolada, em seu espaço. Ainda que haja uma intensa preocupação em se alcançar o máximo de escolas possíveis e as levarem a perceber essa outra roupagem que pode e deve ser implementadas em seu interior, há ainda um grande número de instituições não alcançadas efetivamente, principalmente na Educação Básica.

Essa é uma temática relevante, que ainda precisa continuar em evidência. Importa destacar ainda que também é necessário haver uma aproximação entre a academia e a sociedade no sentido de “construir pontes” que levem a população perceber mais claro e efetivo o resultado das pesquisas produzidas reverberando em sua qualidade e transformação de vidas. Nessa perspectiva, para trabalhar a temática de uma atuação interdisciplinar deve-se considerar a natureza complexa do ser humano, um ser integrado - físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico - simultaneamente, buscando abor-la, por meio das disciplinas, de maneira desintegrada. É necessária e imprescindível uma práxis integradora de modo que a condição humana se torne o objeto essencial de todo o ensino.”

A compreensão da escola como ambiente favorável à promoção da saúde, passa pelo entendimento desse espaço como potencial para a discussão dos determinantes sociais. Em uma outra possibilidade, a escola deveria ser espaço para a problematização dos determinantes sociais, partindo das questões relacionadas à realidade local e produzidas pelos problemas complexos do seu entorno, para imprimir a redefinição de novas concepções e saberes empregados à transformação de realidades.

A saúde deve ser entendida como um mosaico permeado pela autonomia e pelo bem-estar físico, mental e coletivo e, portanto, a articulação entre saúde, sistema social e ambiente merece atenção ante as discussões sobre saúde pública. A efetivação das ações de promoção da saúde escolar caminha para a ação participativa, a partir da consolidação de vínculos com a comunidade educativa, visando a integralidade do cuidado conforme o contexto sociocultural. Recomenda-se, portanto, a qualificação dos profissionais de saúde nas atividades intersetoriais e a criação de parcerias com a docência. O docente é multiplicador e transformador do conhecimento. Em atenção a esses atributos, o profissional de saúde, sobretudo o médico e o enfermeiro, pode direcionar, favorecer e conduzir a capacitação para os domínios dos conceitos de saúde, conforme as convenções internacionais e as políticas públicas.

Enquanto pesquisadores, educadores, não podemos ficar empedernidos diante de tantas demandas e desafios que nos são lançados diariamente. Uma atuação interdisciplinar é o caminho mais viável, buscando minimizar “distâncias” e promover um ensino onde a condição humana seja mais valorizada. Embora a pesquisa demonstre a evidência dessa lacuna, ela também reflete uma movimentação por parte dos Ministérios (da Educação e da Saúde), bem como, por parte de estudiosos e pesquisadores, no sentido de romper com esse paradigma em relação a atuação isolada das áreas de conhecimento, de maneira a reflexão dos benefícios decorrentes de uma atuação interdisciplinar.

REFERÊNCIAS

BACH, E. L. PERANZONI, V. C. A história da Educação Infantil no Brasil: fatos e uma realidade. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires - Año 19 - Nº 192 - Mayo de 2014. Disponível em <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em: 12. abr. 2022.

BARBOSA, A. S.; SOUSA, B. C. de S.; PORTO, G.G.; BOERY, E. N.; SALES, Z.N.; CASSOTTI, C. A. Reflexões sobre a saúde e a educação a partir de suas relações com o estado e a sociedade no Brasil. **Revista Espaço para a Saúde**, vol. 15, núm. 2, p. 05-20, 2014. Texto disponível em: <http://espacoparasaude.fpp.edu.br/index.php/espacosaude/article/view/525/0>. Acesso em 22. abr. 2022.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol.** Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em: A pesquisa bibliográfica <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 03. mai. 2022.

BNCC - Base Nacional Curricular Comum, 2018. p. 30. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 08. mai. 2022.

BRASIL, 1998 - Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 3v.: il.,1998.

BRASIL, 2005 – Ministério da Saúde, Secretaria do Trabalho e da Educação na Saúde- Departamento de Gestão da Educação na Saúde – A educação que produz saúde – 2005. Série F. Comunicação e Educação em Saúde.

BRASIL,2006 - Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica - Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF v.1; il, 2006

BRASIL, 2007 – Ministério da Saúde, Secretaria do Trabalho e da Educação na Saúde- Departamento de Gestão da Educação na Saúde – Caderno de Educação Popular e Saúde– 2007. Série B – Textos Básicos de Saúde. Comunicação e Educação em Saúde.

BRASIL, 2009 – Ministério da Saúde, Cadernos de Atenção Básica – Saúde na Escola - Série B. Textos Básicos de Saúde. 24, 2009, Brasília – DF

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde 3ª ed. Brasília; 2010. **Cad. Saúde Pública**, v. 19, n. 5, p. 1527-1534, 2003.

CAMPOS, M. M., ROSEMBERG, F. Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças. – 6.ed. Brasília: MEC, SEB, 2009. 44 p., 1ª Edição em 1995.

CAVALCANTI, P.B; LUCENA, C.M.F. O uso da promoção da saúde e a intersectorialidade: tentativas históricas de integrar as políticas de saúde e educação. **Revista Polêmica**. V. 16, n. 1 (2016). Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/21332/15435>. Acesso em 15. mai. 2022

COSTA, V. V. Educação e Saúde. **Unisa Digital**, p. 7-9, 2012

FAZENDA, I. C. A. Interdisciplinaridade: Definição, projeto, pesquisa. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. (org.). Práticas Interdisciplinares na escola. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FIGUEIREDO, F. M. S.; OLIVEIRA, H.O. - Educação e saúde: práxis de aprendizagem no ambiente escolar. **Editora Famen – ebooks**. Disponível em <https://doi.org/10.36470/famen.2020.l4c5>. Acesso em 07. Abri. 2022.

FONTOURA, L. V; STIZ, A. L. Educação e Saúde: Considerações a Respeito da Atuação Interdisciplinar em uma Comunidade Escolar. **Anais do 2º Congresso**

Brasileiro de Extensão Universitária. Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004.

FONSECA, L. M. B.; MATOS, M. D. G.; OLIVEIRA, E. C. T.; BARROS, O. S. A. Interdisciplinaridade e o trabalho docente: uma perspectiva dialógica nos anos iniciais do ensino fundamental. **Educere** – XII Congresso Nacional de Educação- PUC- PR, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13. ed. São Paulo, 1996.

GALINDO, M. B.; GOLDENBERG, P. Interdisciplinaridade na Graduação em Enfermagem: um processo em construção. **Rev. bras. enferm.** vol.61 no.1 Brasília Jan./Feb. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672008000100003>. Acesso em 25. mai. 2022.

GARRUTTI, E.A; SANTOS, S.R. A interdisciplinaridade como forma de superar a fragmentação do conhecimento. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 4, n. 2, 2004.

GAVIDIA, V. La educación para la salud em los manuales escolares españoles. Ver. Esp.2003.

GAZZINELLI, M. F; GAZZINELLI, A; REIS, D. C.; PENNA, C. M. de M - Educação em saúde: conhecimentos, representações sociais e experiências da doença - Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 21(1):200-206, jan-fev, 2005

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GONÇALVES, F.D. A promoção da saúde na educação infantil. **Interface**. Comunicação saúde e educação. v. 12, nº 24. P. 181-92, jan/mar. 2008

JAPIASSU, H. A questão da Interdisciplinaridade. In: Seminário Internacional sobre Reestruturação Curricular – Promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre em julho de 1994.

LÜCK, H. Ação integrada: administração, supervisão e orientação educacional. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

MARTINS, E.D; MOURA, A. A.; BERNARDO, A. A. O processo de construção do conhecimento e os desafios do ensino-aprendizagem. RPGE– **Revista on-line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v.22, n.1, p. 410-423, jan/abr. 2018

MIGUEL, E. A; COSTA, C. B; MACEDO, P. S. C; COSTA, J. E.; CRISTINA, F; CORREIA, S. J. da C. Criança de 0 a 03 anos: a importância do desenvolvimento e aprendizagem em Creches. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, ano MMXVI, nº. 000091, 17/11/2016, Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/crianca-de-0--03-anos-importancia-do-desenvolvimento-e-aprendizagem-em-creches>. Acesso em 10. mai. 2022.

- MORIN, E. A cabeça bem feita. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- MOURA, K.R. Abordagem da saúde da criança na educação infantil: percepção de educadoras. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2013.
- PEREIRA, A. L. F. As tendências pedagógicas e a prática educativa nas ciências da saúde. **Salud Publica**, v. 77, n. 2, p. 275-285, 2003.
- PREZIBÉLLA, P. R. M. A construção de uma práxis interdisciplinar na educação Especial: análise de uma experiência. Versão Online ISBN 978-85-8015-040-7 **Cadernos PDE**, Volume II, Universidade Federal do Paraná- UFPR, Curitiba, 2008.
- RIBEIRO, K. S. Q. S. Fisioterapia na comunidade: buscando caminhos na atenção primária à saúde a partir de um projeto de extensão universitária. 2001. 193f. Dissertação (Mestrado em Educação Popular) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001. **Salud Publica**, v. 77, n. 2, p. 275-285, 2003.
- SILVA, G. M. da. Reflexões sobre o itinerário formativo de pedagogos: os sentidos atribuídos à interdisciplinaridade. Dissertação (Mestrado) do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares da Universidade de Pernambuco (UPE) – Campus Petrolina. Petrolina, 2019, p. 45-63.
- SILVEIRA, G. T.; PEREIRA, I. M. T. B. Escolas Promotoras de Saúde ou Escolas Promotoras de Aprendizagem/Educação? In: LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. Promoção de Saúde ou a negação da negação. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004. p. 119-33.
- TEIXEIRA, F.F. intersectorialidade nas ações de promoção de saúde realizadas pelas equipes de saúde bucal de Curitiba-PR. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, 15(Supl. 1):1827-1834, 2010
- UNESCO, 2005 - Educação popular na América Latina: desafios e perspectivas. Brasília: UNESCO, MEC, CEAAL, 2005. 266p. – (Coleção educação para todos; 4).
- VELLOSO, M.P; GUIMARÃES, M.B.L; CRUZ, C.R.R; NEVES, T.C.C. Interdisciplinaridade e formação na área de saúde coletiva. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 14 n. 1, p. 257-271, jan./abr. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sip00097> **257**. Acesso em 05. maio. 2022.
- VILELA, E. M.; MENDES, I. J. M. Interdisciplinaridade e saúde: estudo bibliográfico. **Rev Latino-am Enfermagem** 2003 julho-agosto; 11(4):525-31.

Recebido em: 15/05/2022

Aprovado em: 18/06/2022

Publicado em: 22/06/2022